

esses homens não eram autênticos comunistas (mas, então, como era o Estado chinês? E podia tratar-se de uma ditadura do proletariado operário-camponês se os que tinham o *exercício* do poder eram burgueses?) ou se tornaram burgueses à medida que se desenvolvia o poder revolucionário? Mas isso aparece como um mistério insondável. De todo modo, se há uma luta de classes dessa ordem, contra uma nova burguesia de Estado comunista, saímos do esquema, estabelecido por Mao, das contradições não-antagônicas... Com efeito, estas não podem acontecer entre classes antagônicas representando forças produtivas e relações de produção diferentes e opostas. Por conseguinte, a sociedade construída pelo maoísmo não é comunista no sentido de que a luta de classes não se esgota (final da antiga burguesia), mas se renova! Finalmente, gostaríamos de saber por que se trata da “burguesia”? É a ideologia? É a prática econômica diferente? (mas então a NEP não era também um produto da burguesia?) É a perspectiva de uma eficácia e o fato de apostar na técnica? É isso que faz a burguesia? Mas se for assim em relação a esse último aspecto, isso quer dizer também que Lenin se enganara em sua célebre fórmula! Vê-se, por essas questões, em que confusões se cai quando se adota o esquema de “explicação” pela luta de classes.

É preciso dizer e redizer que essa fórmula não fornece qualquer “explicação”, pois, de todo modo, repousa numa visão tão vaga, incerta, da própria classe que se fica finalmente incapaz de conhecer o seu jogo. É preciso dizer que essa proclamação é unicamente ritual e codificada. A cada vez que surge uma dificuldade efetiva, invoca-se a luta de classes, o que permite nada explicar. Estamos em plena irrealidade, como sempre que se faz referência a uma chave única e universal que permitiria tudo compreender e tudo interpretar. Se a China se curvou como fez, se ela adora o que queimava ontem, não é por causa de alguns ambiciosos, nem de um pequeno clã político, nem de um grupo de burgueses procurando seu lucro. Houve bem uma motivação, é preciso que se tenha encontrado uma questão maior.

Creio que, para compreender, é preciso primeiro lembrar a situação global, isto é, quer se queira ou não, estamos num mundo que se tornou Um. Fala-se disso muitas vezes e logo se esquece que estamos diante de questões concretas. Mundo Um — isso significa que, quaisquer que sejam as intenções, as pretensões ideológicas, as ações revolucionárias, tornou-se im-

possível isolar um país, impossível construir um regime e uma economia sem relação com o resto do mundo. É isso que já se impôs à URSS e que se impõe à África. Não é “imperialismo”: é a própria condição de um desenvolvimento. Cada decisão, cada ruptura, cada crise repercutem em toda parte. O “socialismo em um só país” era imaginável, afinal de contas, em 1920; podia-se, com efeito, pensar que, com os recursos da URSS, por exemplo, seria possível viver em autarcia e formar um regime sem relações e sem obrigações com os outros. Meio século mais tarde, isso já não é mais possível: que se passou nesse tempo? O crescimento técnico. É ele que não somente colocou os países em contato concreto uns com os outros, mas estendeu uma rede de informações sobre o mundo e multiplicou os empreendimentos positivos e negativos, que envolvem o destino do planeta e nos colocam diante da obrigação de cooperar.

A China também pretendeu fazer tudo sozinha e construir seu regime independentemente de tudo. E depois, atingindo certo nível de crescimento, ela não pode evitar o encontro e a troca. Mas isso conduz necessariamente a duas vias: a do poderio e a da concorrência, e por essas duas vias se entra inevitavelmente na tecnicização mundial. Estamos todos enredados numa civilização de poderio. Mas onde reside esse poderio? Unicamente na técnica. Podem-se considerar todos os domínios da atividade social, política, econômica — sempre que se trata de um crescimento, este se efetua sobre o modo do poderio, e o poderio se adquire pela técnica, pois, reciprocamente, todos os antigos meios de poderio, nas sociedades tradicionais, são superados por nosso poderio técnico. Correlativamente, todas as vezes em que há utilização das técnicas modernas há poderio. Ora, desde o princípio, a URSS foi obrigada a se empenhar na via do poderio para defender o socialismo, a pátria do socialismo. Desde o princípio, a URSS foi atacada militarmente e foi de fato obrigada a criar um exército moderno para salvar a revolução. Mas um exército moderno supõe, ao mesmo tempo, organização, equipamento, infra-estruturas logísticas e industrialização: tantos domínios que são apenas técnicos. Desde que o socialismo em um só país teve que se defender, foi envolvido na tecnicização, mesmo que não tivesse havido a célebre fórmula de Lenin.

A China encontra-se exatamente na mesma situação. Como se defenderia da URSS se não estivesse no mesmo nível mili-